

CAMPO ABERTO

TECNOLOGIA + MEIO AMBIENTE + INOVAÇÃO + GENTE

Produtos
agroecológicos
cultivados no
Assentamento
Mário Lago, em
Ribeirão Preto

Da lavoura para casa

No Estado de São Paulo, MST produz cestas agroecológicas que eliminam atravessadores e incentivam pequenos produtores assentados

Texto **Vinicius Galera**

Fotos **Pierre Duarte**, de Ribeirão Preto (SP)

Toda semana, o professor Fulvio Iermano retira uma cesta com produtos agroflorestais em uma escola pública de Ribeirão Preto (SP). No local, funciona um dos seis pontos de distribuição de um trabalho iniciado há dois anos no Assentamento Mário Lago, também na cidade. Fulvio é um dos 100 consumidores dos alimentos produzidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), mas pode bem ser considerado um parceiro.

"O sistema vai muito além de uma relação de mercado, cria laços até de amizade. Para mim, a cesta não tem apenas alimentos saudáveis, ela dá a possibilidade de estabelecer relações humanas baseadas em solidariedade", diz o professor de geografia e política e militante do movimento Slow Food.

A parceria entre Fulvio e o MST é uma adaptação do conceito de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), explica o coordenador do movimento, Zaqueu Miguel de Carvalho. "Geralmente, nas CSAs, um produtor tem uma conversa com um grupo de consumidores que financiam a produção." Em Ribeirão Preto, o conteúdo das cestas agroflorestais é determinado pelos produtores. Os clientes, que podem fazer a adesão por meio de uma página no Facebook, têm a oportunidade de conhecer a produção e participar da formação dos preços.

"Os alimentos são produzidos sem agrotóxicos e insumos químicos, vêm de um manejo agroflorestal. Para mim, é muito mais que um orgânico certificado de prateleira, que eu não conheço a origem, a rastreabili-

dade", diz Fulvio. Também adepta das cestas, a bióloga Fernanda Gamper Vergamini Costa ressaltava uma das vantagens do sistema: "Não me importo de não escolher o que vem, eu gosto de receber o que está na época e, com isso, diversificar minha alimentação e conhecer novos alimentos".

Na sede do assentamento, toda segunda-feira cerca de 40 agricultores adeptos dos sistemas agroflorestais (SAFs) se reúnem em um pregão para definir os preços e os produtos que serão oferecidos. Os produtores levam o que têm em seus lotes, o que produziram naquela semana, independentemente da quantidade. "Ao final, decidimos quais são os produtos que vão na cesta, olhando a semana anterior para diversificar", conta Zaqueu. "Todo o planejamento é feito de forma participativa com os produtores

e, um final de semana por mês, eles abrem a produção para visitas", diz Fernanda.

Há duas modalidades de cestas, uma com cerca de 5 quilos e outra com 8 quilos. Custam R\$ 140 e R\$ 180 mensais, respectivamente. Zaqueu explica que a precificação segue um padrão de preço justo, e não as cotações ditadas pelo mercado. "Nós sentamos com os consumidores e definimos os preços que vão vigorar durante todo o ano, independentemente do que alterar no mercado. Isso tem dado muito resultado, porque, com a venda direta, eliminamos o atravessador do sistema. Quem determina o preço é o custo de produção."

A produção agroflorestal, proporcionada com o apoio da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, foi a grande virada para os assentados de Ribeirão Preto. Hoje, o Mário Lago é um dos assentamentos modelo do MST. Funciona onde existia uma antiga fazenda produtora de cana, desapropriada em função de processos trabalhistas e ambientais. Quando as famílias começaram a ser assentadas, o movimento assinou uma parceria com o Ministério Público Estadual propondo que 35% da área



Zaqueu Miguel de Carvalho diante do SAF onde cria galinhas e cultiva produtos diversos

fosse de reserva legal, ao invés dos 20% determinados por lei. Os 15% a mais seriam utilizados para os SAFs.

No começo, os assentados não entendiam direito o sistema. "A fazenda era totalmente tomada pela cana. Para começar a produção agroflorestal, tinha de ter um capinal, deu um choque de ideias. As famílias queriam plantar cana, e nós propusémos plantar capim", lembra Zaqueu, que hoje faz um SAF voltado para a criação de galinhas caipiras e para a horticultura. "Produzo todo tipo de legumes e folhas e tenho um sistema de fruticultura com banana, manga, acerola, goiaba, abacate, limão, café e eucalipto para produção de madeira."

Além das cestas, a produção dos lotes é destinada a iniciativas como o Programa de Aquisição

de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Merenda Escolar (PNA), ambos do governo federal, e para a merenda escolar de Ribeirão Preto.

O sistema está dando tão certo que os assentados criaram uma cooperativa, chamada Comuna, para organizar a produção e os pagamentos dos produtores. Tudo com a noção de que produzir comida é uma consciência social, não apenas uma atividade mercadológica.



Os produtos chegam do campo direto para a sede da fazenda, onde são separados para a montagem das cestas

PASSO A PASSO



Cultivo

Os produtos não levam nenhum tipo de fertilizante ou defensivo químico. Uma vez por mês, os consumidores podem visitar os lotes



Pregão

Cada produtor adepto dos SAFs leva à sede da fazenda o que conseguiu produzir na semana. Os preços são definidos em um pregão com a participação de todos



Montagem

As cestas levam em conta a diversidade. Os produtores procuram inovar e evitar a repetição de itens da semana anterior



Distribuição

As cestas são distribuídas em seis pontos localizados em Ribeirão Preto (SP). Nesses lugares, são retiradas por cerca de 100 consumidores